

CUIDAR DO HUMANO: UMA PREOCUPAÇÃO PÓS-MODERNA?

TAKE CARE OF HUMAN: A POST MODERN CONCERN?

Eleonôra Torres Prestrelo

Anna Paula Uziel

Ariane Patrícia Oswald

Deise Mancebo*

Desde seus primórdios, a Psicologia lida com a questão da subjetividade, mesmo que com outras denominações, como a de “consciência”. Algumas correntes do pensamento psicológico desenvolveram-se na busca do entendimento de como se davam os processos psicológicos internamente, além daqueles que se podiam observar, através do comportamento.

Essa forma de desenvolvimento do pensamento trazia, em si, uma dicotomização: o fora, normalmente identificado como “a” realidade, algo objetivo, que podia, inclusive, ser mensurado e comparado. E o dentro, algo da área do subjetivo, como aquilo que dizia respeito só a um sujeito, individual e intransferível (ANGERAMI-CAMON, 2003).

Essa dicotomia definiu, inclusive, na Psicologia, áreas de estudo e práticas que, durante anos, se consideraram quase que excludentes: a Psicologia Clínica, que tratava de questões relativas ao “interior” do sujeito, sofrendo, inclusive, por vezes, a crítica de se constituir numa abordagem que reforça o individualismo nas pessoas, e, por conseguinte, influenciaria a formação de uma “cultura individualista” na sociedade. E a Psicologia Social, voltada para um entendimento mais abrangente da inserção da pessoa como um ser eminentemente social, segundo a qual o homem era constituído pelas diversas forças que compõem a sociedade – a cultura, os meios de produção, as instituições familiares, educacionais, dentre outros – ao mesmo tempo em que as constituía.

Essa forma dicotomizada de se pensar o Homem, presente no que poderíamos chamar de Psicologia tradicional, reproduzia uma tentativa modernista de buscar delinear uma “verdade” objetiva que pudesse caracterizar como universal. Para tanto, não havia lugar para o que não podia ser “controlado”, o “subjetivo”. Sob essa perspectiva, a ciência constituir-se-ia num tipo de

* Professoras e pesquisadoras do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

conhecimento que deveria poder ser reproduzido e procurava afastar-se da idéia de que o observador pudesse interferir, de alguma forma, no objeto estudado.

O pensamento pós-moderno procura, justamente, questionar a dicotomia moderna, criticando a independência sujeito/objeto na construção de uma realidade. Se a realidade é construída no processo de interação do homem no mundo, como podemos acreditar que existe uma linha de demarcação que delimitaria até onde vou e a partir de onde se constituiria o mundo “fora de mim”? Além disso, questiona a possibilidade de termos certezas absolutas e universais. Traz a incerteza para o nosso cotidiano...

Hoje, não mais se pensa o sujeito com uma identidade fixa, o que implica, para a Psicologia, uma perspectiva muito mais ampla no exercício de construção de seu saber.

Stuart Hall (2005), num texto que contribui para pensarmos o sujeito contemporâneo, nos indica três concepções de identidade: a) a do sujeito do Iluminismo, onde se pensava o indivíduo como tendo um “centro”, uma essencialidade, que permanecia fazendo parte dele durante toda sua vida; b) a noção de sujeito sociológico, que entende a identidade como algo formado na interação entre o Eu e a sociedade; onde permanece a idéia de um núcleo, mas se constituindo na interação com o exterior e c) o sujeito pós-moderno, que não teria um núcleo de “eu” fixo, essencial, permanente. Assim, para Hall (2005), a identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Como assinala o autor, as sociedades pós-modernas seriam, por definição, mutantes, em oposição às tradicionais. Para se pensar, portanto, um sujeito mutante, “fluido”, pois sujeito constituído e constituinte de uma sociedade também mutante, faz-se necessário estudá-lo em suas infinitas possibilidades e requer um exercício de constante construção/ampliação do objeto de estudo.

Esse número da revista “*Estudos e Pesquisas em Psicologia*”, nos artigos apresentados, caracteriza-se por uma predominante preocupação com o cuidado, nas suas mais diversas formas de expressão, desde o cuidado com o resgate da história da Psicologia no Maranhão, com os valores que orientam as relações humanas atualmente, até o tipo de edificação mais indicada à educação infantil.

Márcia Antonia Piedade Araújo, com o artigo “*Conhecendo a Psicologia no Maranhão*”, tem o cuidado de resgatar o surgimento da Psicologia em seu estado, a partir de uma contextualização política, social e científica, ressaltando, com isso, a importância do entendimento dos determinantes locais para a compreensão dessa disciplina.

No artigo “*Sujeitos Monetários da Modernidade*”, Marcos Rodrigues Alves Barreira nos contempla com uma reflexão crítica sobre os efeitos do processo de modernização capitalista na subjetividade contemporânea – reflexão baseada na crítica marxista da economia política. O autor coloca, de forma muito bem articulada, o caráter indissociável do processo de construção da subjetividade com os valores pregnantes da sociedade na qual ela se constitui. Como aponta no texto: “[...] Marx afirmou que o capitalismo – sempre compreendido como um modo de produção específico – não cria apenas mercadorias para os consumidores, mas igualmente, ‘produz’ os consumidores de suas mercadorias” (p.9). Desenvolve, então, seu texto, sob o viés reflexivo dos desdobramentos que abrangem a transformação social do sujeito em sujeito do consumo, discutindo a transformação das relações humanas em relações entre coisas.

Ana Maria Szapiro, em “*Tempos de pós-modernidade: vivendo a vida saudável e sem paixões*” trabalha um aspecto da problemática do sujeito pós-moderno, que, sem ideologias, vive um processo de “des-subjetivação”, aprisionado na sua liberdade e na busca de uma “vida saudável” e “sem riscos”. A eleição do biológico como regulador da vida, incluindo-se aí, a ilusão da negação da morte, faria surgir uma nova forma de subjetivação e sociabilidade, a biossociabilidade (RABINOW, 1999). A vida estaria regida pelo cuidado com o excesso, com tudo o que é da ordem das paixões e é dentro dessa perspectiva que se coloca a “liberdade” de cada um. A autora amplia sua reflexão, creditando como responsáveis pelo aprisionamento humano, o desamparo, a desafiliação e a ausência de referências, característicos de um estar provisório e sua conseqüente dessimbolização.

Seguindo linha de pensamento semelhante, temos a resenha de Gisela Verri de Santana sobre o livro “*Espaços de esperança para um mundo melhor*”, de David Harvey, identificada como uma leitura fácil e instigante. O autor, diz ela, “[...] nos propõe uma reformulação interior como uma das alternativas para transformar e melhorar o mundo em que vivemos” (p.162). Além de suas impressões sobre a ascensão e “declínio” do “Capital”, obra de Marx, da qual seria um profundo estudioso, Harvey nos traria, segundo ela, numa mistura de prosa e cientificidade, uma visão de como as mudanças ocorridas na sociedade, nos últimos anos, têm transformado a forma de se enxergar a realidade. Como exemplo, Harvey discute a globalização, movimento edificado em prol dos interesses americanos, que constrói desigualdades socioeconômicas e políticas, mas também sua própria fragilização. Numa analogia ao mosqueteiro, o autor se coloca como um D’Artagnan, numa luta anticapitalista,

apregoaando que “há [...] necessidade de persuadir as pessoas a ver para além das fronteiras do míope mundo da vida cotidiana que todos habitamos necessariamente”, ressalta a autora.

Ainda no sentido de podermos refletir sobre como podemos cuidar do Humano, o artigo de Daniele Pinto da Silveira e Ana Luíza S. Vieira – “*Reflexões sobre a Ética do Cuidado em Saúde: Desafios para a Atenção Psicossocial no Brasil*” – traz à baila uma importante discussão acerca dos referenciais de cuidado adotados nos modelos de atenção em saúde coletiva e de saúde mental, a partir da Reforma Sanitária e Psiquiátrica no Brasil. As autoras colocam em relevo questões cruciais para a criação de uma nova ética do cuidado: o acolhimento, a responsabilidade e o vínculo. Ressaltam, portanto, aspectos relativos a uma *práxis* que se orienta numa perspectiva de humanização cada vez maior dos serviços de saúde, chamando a atenção dos profissionais dessa área para que pautem suas ações nas necessidades e nos problemas da comunidade de referência e não em soluções “[...] tecnicistas, medicalizadas e institucionalizadas” (p.9). (não esquecer de ver depois o número certo quando a revista estiver pronta).

Cláudia Fernanda Rodriguez e Maria Júlia Kovács também abordam tema de grande interesse para a sociedade contemporânea: a visão de morte dos adolescentes e no que a educação pode contribuir para a sua elaboração. É sabido que, na adolescência, a noção do risco é minimizada, surgindo daí, inclusive, um alto índice de mortes por causas inesperadas, indicado em alguns momentos, como uma problemática de saúde pública. Através do vídeo “Falando de morte com adolescentes” e os questionários que investigavam a percepção desta, as autoras desenvolveram um trabalho com educadores e adolescentes, com o objetivo de abrir espaço para a comunicação entre eles. Terminam o trabalho ressaltando a dificuldade em se lidar com o tema da morte, apesar de sua presença no cotidiano de todos nós. Ressaltam a importância dos profissionais educadores criarem espaço para essa discussão nas escolas, um espaço de facilitação da comunicação entre crianças, adolescentes e adultos.

Ainda sobre o tema da morte, temos a resenha de Hugo Ramón Barbosa Odone, sobre o livro “*Suicídio e Psicoterapia*”, de Karina Fukumitsu. O autor ressalta que, embora o suicídio seja tema de fundamental importância, pouco se tem publicado na literatura médica e psicológica sobre ele, sendo encontrado, com frequência, apenas dados estatísticos: “Há uma idéia generalizada de que não se devem publicar dados referentes a estatísticas e motivações para o suicídio, pois geraria na sociedade uma reação, geometricamente crescente, de aumento dos casos (p.165)”.

Numa articulação sensível e generosa, Hugo nos aponta os elementos que considera fundamentais e inovadores no livro de Karina Fukumitsu, sua correlação com a gestalt-terapia e com a perspectiva fenomenológico-existencial, na qual, inclusive, essa abordagem terapêutica se fundamenta. Sobre a perspectiva fenomenológica, o autor ressalta:

A fenomenologia, apesar de já ser uma abordagem metodológica centenária, continua ainda chocando pessoas e instituições e sofre ainda certa resistência por tratar-se de uma ciência de rigor inovador e que propõe mudanças de paradigmas para a investigação de conhecimento (p.165).

Como contribuição para a continuada reflexão de nossas práticas, temos o artigo *“Do topo de uma montanha temos um ótimo ângulo das coisas... mas será que podemos ver tudo?”* de Solange M. de Oliveira Magalhães e Ivone Garcia Barbosa, onde as autoras reconstituem as transformações históricas do conceito de infância, pontuando ser este, produto de construções sociais. A partir desta compreensão, buscam identificar, no decorrer do texto, alguns preceitos que orientam as práticas de atenção, criação, socialização e educação infantil na sociedade moderna.

Liana Gonçalves Pontes Sodré, em seu artigo intitulado *“As indicações das crianças sobre uma edificação adaptada para a educação infantil”*, trata da qualidade do ambiente escolar, como um espaço importante para a infância. Através de desenhos e explicações, crianças de 4 a 6 anos expressaram sua percepção sobre os mesmos, permitindo a autora analisar que, apesar das edificações escolares terem, como função, fornecer abrigo, proteção e estimulação, isso nem sempre ocorre. Verifica, ainda, que as crianças, como usuárias, são capazes de identificar tal problemática. Em comum com estudiosos da área, a autora reafirma a importância de espaços de lazer abertos, onde crianças possam entrar em contato com a natureza, para o processo de desenvolvimento infantil.

A comunicação de pesquisa *“Espaço urbano contemporâneo e subjetividade: um foco especial sobre as favelas do Rio de Janeiro”* de Ana Lúcia Gonçalves Maiolino também aborda a interface espaço/sujeito. Ainda em desenvolvimento, esta pesquisa objetiva a análise da história e das características de diferenciação e segregação socioespacial na cidade do Rio de Janeiro, e os impactos das políticas públicas adotadas nesta área.

O artigo *“Inteligência emocional: parâmetros psicométricos de um instrumento de medida”*, de Marilda Aparecida Dantas e Ana Paula Porto Noronha, trata das evidências de validade fatorial do *Mayer Salovey Caruso Emotional Intelligence Teste (MSCEIT)* e de seus índices de precisão. Relata, no decorrer do texto, os aspectos abrangidos pelo termo

“inteligência emocional” e a metodologia utilizada na validação deste instrumento. Embora registrando os ganhos obtidos neste trabalho, reconhece a importância de se continuar desenvolvendo pesquisas na área, especialmente no Brasil, pois estudos sobre o tema ainda são raros.

Temos, por fim, o artigo de Jean-Marie Robine – diretor do Instituto Francês de Gestalt-Terapia: “*A Gestalt-Terapia terá a ousadia de desenvolver seu paradigma pós-moderno?*”, traduzido por Mônica Botelho Alvim, onde o autor explora algumas das “linhas de força” e paradigmas da Teoria da Gestalt-Terapia e as implicações para sua prática clínica.

Traça um percurso das bases epistemológicas que sustentam sua prática desde o início de sua formação em Gestalt-Terapia, pontuando formas diferentes de entendê-la e praticá-la, de forma, às vezes, quase opostas, como representantes de um lado, de uma forma de pensar modernista e, de outro, afinada com os preceitos de uma pós-modernidade. Passeia por temas fundamentais à abordagem: suporte, frustração, vergonha, Teoria do *Self* – sempre através de sua trajetória pessoal, pois como tão propriamente coloca, “[...] a construção teórica em si não é outra coisa além de tentar construir significado para sua experiência, e talvez a integração dessa experiência em uma ordem maior de generalização (p. 106-107)”. Num determinado momento do texto pergunta: “O que nos oferece a perspectiva pós-moderna”? E segue desenvolvendo seu pensamento, chamando nossa atenção para que, se perdemos em independência, ganhamos em interdependência, ressaltando a importância da relação, da solidariedade, da comunidade... e a angústia decorrente dos riscos que o exercício dessa forma de estar no mundo nos traz.

Para terminar, transcrevemos, como fundo de reflexão para o leitor, a fábula-mito do cuidado essencial (a fábula de Higino), de origem latina com base grega:

Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma idéia inspirada. Tomou um pouco do barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu Júpiter. Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado. Quando, porém, Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome. Enquanto Júpiter e o Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a Terra. Quis também ela conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da Terra. Originou-se então uma discussão generalizada. De comum acordo pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu justa:

Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura. Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer. Mas como você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver.

E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada *Homem*, isto é, feita de *húmus*, que significa terra fértil”. (BOFF, 1999, p.6)

Homem, terra fértil, desde que devidamente cuidada...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANGERAMI-CAMON, W.A. **Psicoterapia e subjetivação**: uma análise de fenomenologia, emoção e percepção. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

BOFF, L. **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.